

CASA DE  
CAMILO



**Noites de Insónia**

14 dezembro 2022

**Formador:** João Paulo Braga



## UM EPISÓDIO EM LEÇA

QUEM, às duas horas da tarde do dia 6 de Março, visse dous homens, montados em dous típicos rocins, caminho de Leça, mal diria que duas cabeças ali iam montadas, e a que montaria essas cabeças se destinavam! Uma cabeça era a minha, a outra era a dum meu amigo, que aqui não ponho agora, porque não sei se o dono gosta de que lhe falem nela. Viu-nos má olhadura, ou em hora sestra saímos deste Porto, em demanda de folguedos que cá dentro não achávamos.

Agourei mal dum evento que se nos atravessou na estrada; foi o seguinte.

O bicho em que montava o meu companheiro de passeio era uma cancela, cousa muito para admirar no género cancela. O meu, se não era cancela, era uma espécie de quilha de navio capaz de cortar um diamante. «Arredem-se que os corto!» eram as vozes que eu soltava em benefício do incauto passageiro, que me vinha de cara à burra, sem se lembrar que ia ali a sua morte.

O meu companheiro devia gritar — «Desviem-se que os esmago!» — porque uma tombadela do rocim sobre um parceiro era mais para temer que a *mão-de-ferro* do Saldanha. O grande caso é que ele não disse nada, e vai senão quando a dita burra ou cancela cai sobre uma pobre mulher, a mulher cai também, e ficaram, por consequência, ambas as fêmeas caídas! A burra ergueu-se espontaneamente, e a mulher ficou a jurar pragas que nos empeceram, como vós vereis.

Chegámos a Leça, e mal desmontámos, fomos saudados por um poeta, que saía da taverna da *ponte de pedra* com uma folha de papel e uma pena de lápis. «Que é isso? (bradei-lhe eu) o senhor vem às inspirações por aqui nas margens do Leça? — Não, senhor (respondeu ele), isto é para os improvisos, que grande festa vai aí haver de comer e beber em honra de M.<sup>elle</sup> Dabedeille, cujas partes eu sigo! — Pois faz bem, e Deus o ajude — até logo — foi a nossa resposta, e fomos em busca do taverneiro, para que nos cozinhasse cousa que se comesse, por sinal, lampreia.

Montámos outra vez nos milagrosos animais e fomos visitar a igreja de Leça, que, pela sua antiguidade e recordações históricas, é muito digna de ver-se. Vimos, com efeito, a gótica arquitectura do templo; dominámos as verdes campinas de redor do alto da torre, e fui dar aos foles do órgão, para o meu companheiro tocar o hino da *Maria da Fonte*, cousa por que damos um *cavaco*, como não há cousa pela qual mais *cavaco* se dê. Subimos pela terceira vez à superfície aguda dos fouveiros e viemos em demanda da lampreia, que já estava pronta quando, pacatos e quedos, chegámos à taverna, que, à fé de cavaleiros de podres rocins, deve ficar aqui consignada como uma das tavernas históricas dos subúrbios do Porto, neste ano do Senhor de 1849.

Mal apeámos, ouvimos uma ingresia de muitas vozes agudas, que nos não deixaram dúvida que eram de *senhoras*, porque as vozes das senhoras distinguem-se muito das vozes de *mulheres*. Pouco depois um nosso amigo, com aquela delicadeza que é própria da sua educação, me disse o seguinte: «Peço-te que não ponhas na crónica que M.<sup>elle</sup> Dabedeille aqui veio a um jantar com nós outros seus apaixonados.»

Estes *seus apaixonados* parece-me que é meu, mas, se na realidade o for, creio que o meu amigo não pedirá desforço, porque não o caluniamos, nem adulteramos a ideia oculta que lá lhe ficou no coração receoso.

Àquilo respondi eu que, em atenção às senhoras que aí se achavam, bem que não minhas conhecidas, pelo simples facto de serem senhoras, eu me desfazia de alguma tenção *cronológica* que a importância do facto me suscitasse.

«Está pronta a lampreia!» disse o taverneiro.

Pois bem, se está pronta a lampreia, tanta lampreia comamos nós, que em quatro batalhões o estômago se nos divida!

Isto disse eu ao meu companheiro, e subimos a um quarto, onde achámos um imenso canjirão de vinho, circunstância muito para notar-se.

Na nossa vizinhança, ao mesmo tempo, segundo nos disse o taverneiro, comia-se, bebia-se, e gritava-se, mais do que nós, porque eram trinta, segundo dizem, os convivas ao jantar em honra de M.<sup>elle</sup> Dabedeille.

Fervia-me o sangue nos pulmões, quando lá reboavam esses entusiastas e frenéticos *vivas*, como a expressão de alma de vinte e cinco mancebos, ardentes, férvidos, no verdor da idade, e no mais embriagante da existência. Nós, que éramos dous apenas, sem objecto externo que nos entusiasmasse, fizemos por arranjar impressões internas, cuja negociação encarregámos ao vinho, que não desempenhou mal a sua missão.

Começávamos a sentir o inocente efeito daquelas negociações, quando uma escolhida roda de mancebos entrou no nosso humilde cubículo, e nos anunciou que viera em deputação da parte dos convivas, especialmente femininos, para nos aproveitarmos dos seus manjares, da sua presença, e do seu regozijo.

A isto respondemos abertamente que não aceitávamos o convite, bem que nos julgámos muito honrados, não só pela delicadeza da comissão, mas ainda pelo género de indivíduos que ela representava.

Não admira que déssemos esta resposta, porque era a devida, com o apenso que aí vai «que era de esperar que M.<sup>elle</sup> Dabedeille fosse saudada, e que nós não poderíamos, sem desmérito das nossas convicções teatrais, acordar nessa saudação».

Foi-se na paz do Senhor a deputação, e nós ficámos abraçados ao canjirão, como se dele esperássemos um *apoiado* à nossa heróica resposta. Que nós fomos pouco delicados, que vale o mesmo que malcriados, isso era de deduzir, se não fosse aquele um convite que punha em oscilações as nossas não muito robustas *até ali* opiniões de teatro. Não podíamos transigir com a cantora, por cuja honra aquele festim se festejava: — não podíamos, muito menos pelo contrato de alguns copos de vinho, em quem

não confiávamos o coração, que é naturalmente sensível, e, deixai-nos assim dizer — maleável.

A vozeria cresceu lá dentro: nós, que então já éramos três, berrávamos sofrivelmente, e cedíamos uma boa parte do juízo prudencial a benefício do vácuo do canjirão, que nos inspirava um horror *peripatético*.

Os excessos deviam ser a consequência do nosso estado um pouco anormal. Possuídos de um sacro furor da Idade Média, de uma valentia cavaleirosa, em nossas concepções, descemos a escada da baiúca, e levámos os olhos às alturas de uma sala onde damas e cavalheiros trocavam copos e *saúdes*.

Aquela visão, um pouco romântica, aqueceu-nos o gérmen romântico que sentíamos cá dentro, e o bom do gérmen rebentou com a valentia de um nabo de S. Cosme.

Parece que o meu companheiro soltou algumas palavras pouco agradáveis aos do banquete — palavras que, a serem tomadas pela acepção que amigos e condiscípulos de Coimbra as costumam tomar, não produziriam um mau efeito.

Em seguida, um de nós lembrou uma ideia completamente extravagante, cuja execução foi travarmos de três copos de quartilho, subirmos a escada da sala, e bradar: «À saúde de Mad. Belloni!»

Baltasar, quando viu o *manel, tecel, pares*, na parede da sala do seu festim, não ficou mais espantado!! A turba levanta-se, e faz-nos voar sobre as cabeças uns poucos de copos de vinho! Duvida-se quais corriam mais pelas escadas abaixo, se os copos, se os meus companheiros. Eu fiquei na sala.

Ouvi alguns gritos de damas que esvaeciam; pareceu-me que vi luzir bem perto de mim o aço de uma faca de mesa; senti uma mão de ferro na garganta, e não morri ali logo de garrote, porque entre mim e aquela mão alguns amigos se puseram, ou mais cavalheiros, ou menos susceptíveis, ou menos ciosos da sua honra ofendida. Enquanto ao copo que eu tinha na mão, dei-lhe um caminho, que agora não me lembra, mas que me parece não seria o da fortuna para o taverneiro.

Depois de ser levado na onda de defensores e agressores da mesma turba, entrei num quarto onde se me pediu que, ao menos, desse uma satisfação às senhoras. Pelo braço dum

indivíduo fui levado perante elas, e convoquei no silêncio do meu coração, aos manes de Cícero, uma linguagem digna delas e de mim. Resumi o meu discurso, que vai ser publicado com um número suficiente de assinaturas, dizendo a M.<sup>elle</sup> Dabedeille que os nossos ódios começavam daquele momento.

Insistimos no que dissemos, e das provas cremos em Deus, que não tardará a hora.

As índoles que tinham aplacado um pouco, 'enfureceram-se com o epílogo do meu discurso, e alguém, a quem me confesso sumamente grato, aconselhou-me a retirada como prevenção de um grande desgosto.

Retirei para vir encontrar o meu companheiro com um rasgo na testa, produzido por uma pancada de cadeira, e outro num dedo, que acusa ferro perfurante. Quem lhe descarregou a cadeira na cabeça é um que a estas horas deve estar curando a sua, que naturalmente lhe foi quebrada por algum dos dous, mas nenhum de nós se vangloria desse feito.

Até aqui o que se há passado na taberna; agora vamos montar nos pobres burros, que estiveram em contínua meditação acerca das extravagâncias de seus donos, e, sem receio de que os freios se hajam trocado, aí vamos nós, esporeando pela estrada que conduz a esta cidade.

Era noite. Quando chegámos ao meio do caminho, fomos saudados por alguns rapazes que, montados em jumentos e cavalos, vinham fazer um préstito irónico à triunfante M.<sup>elle</sup> Dabedeille. Fizemos-lhe saber as ocorrências, e alguns deles tentaram assaltar as carruagens que vinham após nós, rodando rápidas, e como orgulhosas de trazerem ao seio dos portuenses a rainha da festa. Era uma loucura, uma infâmia, talvez, e quem sabe se a abertura dum teatro de sangue no lugar do assalto! Seria tudo.

Porém, o esquadrão cerrado de burros e cavalos, visto através do nevoeiro, intimidou os festeiros, e os boleiros tiveram ordem de largarem toda a brida aos cavalos.

As carruagens, como a reboque umas das outras, romperam o nosso esquadrão, e no seu rompimento espedaçaram o *gig* dum nosso companheiro. Os dous indivíduos, que dentro vinham, ficaram estendidos na estrada, ergueram-se como puderam, e o cavalo fugiu com *meio* carro, até que uns lavradores o sustaram.

Uma carruagem teve esmagado o meu companheiro e a respectiva *cancela*, ao passo que o meu rocim ficou num pasmo de contorções nervosas, que o hão-de levar à sepultura.

#### MORALIDADE

A nossa resolução foi atrevida, logo que fomos saudar uma dama aborrecida na presença da sua rival e dos protectores da sua rival. A descarga de copos, e a ofensiva que sobreveio à nossa proposta, foi fanfarronada, para lhe não chamar cobardia, da parte de vinte e tantos homens contra dous ou três que nós éramos.

Qualquer deles, se nos travasse da casaca e dissesse: «vem tu só aqui para a rua», seria um herói; não lhes afianço, porém, que algum de nós fosse, porque as nossas intenções não eram as de ofender amigos nossos.

Para vergonha de nós todos, saiba o mundo civilizado que por via de uma actriz os nossos amigos despem o punhal da bainha, arrojam-nos à cara copos de vinho, quebram-nos a cabeça com cadeiras, rodam sobre nós as suas carruagens, e trocam pela aprovação *dela* as considerações honrosas que nos mereciam.

Aí está o facto acontecido ontem, *escrito a noite passada*, e tão falado hoje.

Aquele festim sem este episódio não prestava: é a opinião dum nosso amigo que lá não esteve, mas que se lá estivera aproveitara o drama deste acontecimento, para compor uma farsa em que M.<sup>lle</sup> Dabedille fosse a protagonista, e nós todos os papéis secundários, cada um segundo as suas competências.

Os que acharem aí alguma mentira venham desfazer-me dum erro, porque não atendemos a todo o enredo da tal brincadeira, bem que o meu espírito, à meia-noite o digo, esteve aí tão sossegado como está agora.

Se não o quiserem crer, creiam ao menos que não me ofendem.

Porto, 6 de Março de 1849.

(Publicada no *Nacional*, de 7 de Março de 1849.)